

MARCAS CORPORAIS: A DIMENSÃO DA LETRA

Jean-Luc Gaspard

Psicólogo clínico, professor de psicopatologia e diretor assistente do Laboratoire de Psychopathologie et clinique psychanalytique, EA 4050, Université Rennes 2, França.

E-mail: jlgaspard@wanadoo.fr

Romuald Hamon

Psicólogo clínico, doutor em psicopatologia, conferencista da Universidade Rennes 2, EA 4050, Rennes, France.

E-mail: hamon.romuald@club-internet.fr

Elsa Cheik

Psicóloga clínica em lar de crianças e adolescentes em caráter social, 31000 Toulouse, France.

E-mail: elsacheihh@orange.fr

Resumo: Uma pesquisa internacional em psicopatologia de orientação psicanalítica, tratando de marcas corporais no laço social contemporâneo, permite apreender as funções singulares que reveste a marca corporal na economia psíquica. Na nossa modernidade, a marca sobre o corpo não revela nem uma demarcação da natureza humana, nem o simples pertencimento a uma comunidade, mas se torna a trama de uma nova relação de cada um com seu corpo. Para além do registro da contingência, do contexto, de uma forma de ser no mundo, trata-se de interrogar-se, no presente artigo, sobre o que escapa à determinação no ato de marcação, em relação à dimensão da letra.

Palavras-chave: marca corporal; laço social; psicanálise; letra, gozo.

Abstract: An international research on psychoanalytic psychopathology, focusing in bodily marks in the contemporary social bond, allows an apprehension of the singular functions the body mark fulfills in the psychic economy. Modernity brings a mark in the body that does not reveal a human nature delimitation, or a simple belonging to a community, but interweaves each one's new relationship with his own body. The present article, beyond the contingency context, i.e., the way of being in the world, looks forward to a way of interrogating ourselves about what, in the marking act, escapes the determination, relative to the letter's dimension.

Keywords: body mark; social bond; psychoanalysis; letter; joy.

*“[...] tal como o escravo mensageiro da antiguidade,
o sujeito que leva escondido sob seu cabelo o codicilo
que o condena à morte, não sabe nem o sentido nem o texto,
nem em que língua está escrito, nem mesmo que foi tatuado sobre
seu couro raspado enquanto dormia.*

*Este apólogo nem exagera muito sobre o
pouco que a fisiologia interessa ao inconsciente”*

Lacan, *Escritos*, 1966, in *Subversão do sujeito e dialética do desejo*.

Introdução

Desde sempre, a marca corporal teve por objetivo oferecer ao sujeito um lugar no país do Outro. Por isso, no quadro ritual, essa função de cobrança e, frequentemente, de intimação violenta dos indivíduos (em função do seu estatuto, posições sociais ou sexuais) no seio da tribo ou do clã. As práticas de marcação impostas tinham um caráter qualificador articulado à noção de “propriedade” (dos animais domesticados às mulheres, escravos e membros do clã). A marca permitia a “*constituição do rebanho*”, fosse este humano ou animal. Ela autorizava assim uma repartição, uma discriminação, permitindo a tentativa de solucionar a lacuna do desejo, de responder à interrogação que comporta toda confrontação entre o desejo e o significante. Essa sobrevivência da função, nos nossos dias, está invertida. Uma das consequências de nossa modernidade determinada pela cultura pós-industrial e pela dominação do discurso da ciência se dá nessa busca compensatória dos indivíduos, por meio, especialmente, de comportamentos compulsivos ou de experiências com intensidade sensorial importante, mas pouco fantasiadas (LE BRETON, 2009). O desenvolvimento de tais práticas vem lembrar-nos, por um lado, do lugar pregnante da imagem nos modos contemporâneos de subjetivação (TISSERON, 2001) e, por outro, de um novo papel atribuído ao supereu, quando se encontra reduzida a importância do masoquismo moral, o que reconhecemos em relação à doutrina freudiana como um refluxo sobre o masoquismo erógeno. Deixando para trás o que era tido como valor de introdução no coletivo (rito) e de submissão ao comum, as práticas do corpo contemporâneas conduzem todas as gerações, condições sociais e sexos a confundir-se em uma individualização sempre mais direcionada em uma busca identitária (SENNET, 1973) e experiências catárticas.

Em seu livro intitulado *A cultura do narcisismo*, C. Lasch (1979) distingue três principais aspectos dominantes da nossa (pós) modernidade: o *princípio de saúde*, que remete, por um lado, à busca de bem-estar e, por outro, a uma forte sensibilidade

terapêutica; o *princípio de realização de si* com a ideia de que a atividade, a ação faz alusão ao *bem soberano* – mesmo que a busca da valorização de si tenha como equivalente o sentimento de vazio interior ou de impotência (EHRENBERG, 1995; 1998); e, por fim, o *princípio de instrumentalização do corpo*, que exige que o homem moderno se torne “o escultor de si mesmo”. Deduz-se, a partir daí, a afirmação de poder gozar de seu corpo. Esta reivindicação, proveniente dos combates de minorias feministas ou de movimentos homossexuais (CORBIN et al., 2006), serve, desde então, de *slogan* aos proponentes de várias práticas do corpo, e isto, em um movimento contraditório. Por um lado, de fato, trata-se de traduzir a independência do indivíduo em relação ao social, ao mesmo tempo em que sua vontade de dispor de seu corpo como ele bem entender, afirmando uma “identidade escolhida”. Por outro – e, quem sabe, pela primeira vez na história –, assistimos a um desacoplamento entre o indivíduo e seu próprio corpo que pode ser percebido e lido como um “*membro a mais*” (cujo conjunto das representações e dos estereótipos sociais incitam a dominar ou a calar). Ao dualismo entre a alma e o corpo, que havia percorrido toda a história moderna de uma forma sustentada e rica, se constituiria então um corpo desacoplado, tornado objeto como qualquer outro a ser modelado, de acordo com os gostos e as idades, suporte das mudanças de aparência e participando assim da modificação global do indivíduo. É, portanto, esse corpo reificado e posto à distancia do homem que seria, igualmente, o suporte para a expressão, especialmente, quando das práticas de marcação corporal em pleno desenvolvimento na nossa modernidade (LAURU, 2004; LE BRETON, 2002; BRUNA, 2001).

Entre estas marcas figuram a tatuagem, as escarificações, mas também marcações por *peeling* (que consiste em retirar partes da superfície da pele), *cutting* (inscrição de figuras geométricas ou de desenhos em tinta sobre a pele, sob forma de cicatrizes trabalhadas, graças a instrumentos cortantes), *branding* (cicatriz em relevo desenhada sobre a pele por meio da aplicação de um tema, ao ferro vermelho ou laser), *burning* (impressão sobre a pele de uma queimadura deliberada, realçada por tinta ou pigmento) e, enfim, os mais diversos acessórios: dos piercings aos diversos implantes sub-cutâneos. Essas diversas práticas não podem ser reduzidas a simples passos estéticos ou artísticos, ou mesmo a fenômenos da “moda” e de consumo (neocomunidades dos punks, góticos, “perfurados”, “tatuados”, etc.). Elas colocam uma interrogação aos clínicos sobre o que está no plano individual de sua(s) determinação(ções) psíquica(s), mas também (devido à sua coletivização) sobre a relação do sujeito com os discursos

atuais dominantes. De fato, as formas do discurso e as figuras de cada época influem sobre o estatuto do corpo e o uso deste para cada indivíduo (GASPARD, DOUCET, 2009). Seu desenvolvimento atual sugere, antes de tudo, que as práticas de marcação corporal se inscrevem como *incidências subjetivas do discurso social contemporâneo* (SILVA JUNIOR, 2003; 2006). A civilização contemporânea se caracteriza, com efeito, pela queda dos ideais e pela extrema fragilização do que constituía anteriormente essas referências (a tradição, a virtude moral, a autoridade, a instituição). O que se traduz por um questionamento de diferentes componentes do humano: o sexo e o gênero, a família moderna em relação ao alcance da função paterna, entre outros.

Nossa civilização se caracteriza igualmente pela “subida ao zênite social” do objeto em sujeitos à procura do “mais de gozar” e de uma hipotética completude (PORTILLO, 2006). O próprio corpo – o corpo orgânico, a carne – está incluído no processo de uma mercantilização generalizada. As substâncias biológicas, o sangue, os tecidos e órgãos circulam, se trocam e constituem bens raros “estocados” ou reservados. Esse predomínio do gozo pulsional se impõe desde então em relação aos ideais de civilização: doravante somos todos consumidores reais ou virtuais e usuários potenciais (BAUDRILLARD, 1974; SILVA JUNIOR & LIRO, 2005). A lenta desagregação do Ideal e dos elementos simbólicos que subjazem na armadura social seria um dos fatores que explicaria o recurso à marcação sobre o corpo. Ali onde o individualismo tende a excluir o Outro (LIPOTEVSKY, 1983), ali onde o tecido social não desempenha mais o seu papel de fiador, o recurso ao corpo tornado “lugar de soberania do sujeito” (LE BRETON, 2002) pode permitir a reintrodução de uma certa permanência e assegurar ao indivíduo uma continuidade significativa. Com esta finalidade, a marcação corporal participa de uma montagem subjetiva por vezes precária (especialmente na psicose), permitindo a vários sujeitos manter sua inscrição no laço social.

Mais além dos marcadores íntimos e identitários

Visto que remete a códigos sociais e a formas de criação simbólica, a grande maioria das marcas corporais é doravante articulada ao que poderíamos chamar a *clínica da identidade* (LE BRETON, 2003). E se “*fazer-se marcar*” aponta a questão do corpo como objeto de uma maneira mais ou menos passiva ou dolorosa, a busca, assim como a experimentação de si, representam as suas razões primeiras. O exame

da literatura acrescenta diversas motivações: a *estetização do corpo*, por meio de acréscimos que falam de embelezamento artificial (caracteres sexuais secundários, e até o próprio sexo), o *desenvolvimento da autoestima*, a *afirmação da singularidade* (a marca da “pequena diferença”), a *identificação e a afiliação a um grupo*. Para Weiner (2004), a marca participa de uma “fabricação de si”, uma vez que o corpo se torna o objeto de uma autoprodução ligada ao culto moderno da exibição de si dentro do quadro de uma sociedade do espetáculo.

Em um estudo prévio (2001), este autor retoma as contribuições pontuais de Lacan, que enxergava no entalhe da escarificação ou na tatuagem “*a função de ser para o Outro, de situar o sujeito, marcando seu lugar nas relações do grupo, entre cada um e todos os outros*” (1964, p. 187). A marca é um traço real sobre o corpo que se situa em uma encruzilhada entre os registros simbólico e imaginário. Simbólico, enquanto *impressão* ou *estigmata*, pelo seu caráter quase indelével que o diferencia do desenho sobre a pele e tende a conferir-lhe a consistência de um arquivo, de uma memória cicatricial. Imaginário, pelo seu aspecto visível que convoca o olhar, o entalhe pode ser considerado como zona erógena artificial que acrescenta um atrativo suplementar a uma parte do corpo que é, assim, estetizada e erotizada. Desta maneira, o entalhe tem, de modo evidente, uma “*função erótica que todos aqueles que se aproximaram de sua realidade perceberam*” (ibid.). Tal como essa jovem mulher que descreve o momento da marcação como fornecendo-lhe “*uma felicidade passageira*” e que a leva a renovar a experiência. O desejo de um corpo decorado seria então uma forma de apropriação imaginária do corpo tal como mobilizado no estágio do espelho. Assim, marcar, gravar seu corpo, tatuá-lo, escarificá-lo, seria um gesto de reconquista especular.

Mas o acréscimo de um ornamento do corpo não poderia, em certos casos, vir a atuar como identificação simbólica? O que apontam Barberis e Lippi (2009), que opõem *marca simbólica* e *marca narcísica*. De fato, se a marca simbólica vem do Outro, dá ao sujeito uma identidade e vem sustentar a identificação, no quadro as marcas corporais seriam “*o imaginário (o desenho, a cor) que é chamado a sustentar o simbólico. É uma marca tomada em uma captura narcísica [...] não tem a força de inscrever simbolicamente o nome do sujeito*”. Por certo, a marca corporal se vê, geralmente, portadora de sentido (narração ou romance do sujeito). No entanto, longe de servir de suporte ao relançamento de uma cadeia simbólica, ela se apresentaria – de acordo com os autores – como

um elemento unívoco e solitário. Ela seria, conseqüentemente, apenas um avatar, uma simulação, uma aparência sem substância cuja função seria a de preencher as lacunas identitárias e de fortalecer as bases narcísicas frágeis.

Como podemos constatar, a abordagem psicopatológica do entalhe como da marcação corporal se inscreve em uma leitura um pouco reducionista e “deficitária” no plano tanto individual como coletivo. Sob este ângulo, essas diversas práticas seriam nada menos que *modos de resposta regressivos* frente a experiências de vida dentro das quais tal leitura psicopatológica se compraz a destacar a descontinuidade, o recurso ao pensamento arcaico, a tentativa de refluxo sobre o narcisismo primário. No âmbito coletivo, a maioria dos clínicos prefere reconhecer tentativas fracassadas de simbolização, enquanto que a sociologia contemporânea destaca, por sua vez, a importância dos eventos dos entalhes corporais falando de “*atos de passagem*” (LE BRETON, 2000) ou de “*rituais de passagem autoimposto*”. De fato, para vários autores, a marca corporal vem no lugar do ato e se torna prova da ilusão de um gozo que não seria atravessado pela castração.

Portanto, e trata-se de um dos primeiros ensinamentos da nossa pesquisa, faz todo sentido nos afastarmos de tal leitura. A título de um comentário paralelo, seria melhor substituir aqui a expressão “*à corps perdu*”¹, que revela uma leitura negativa por “*em busca de um corpo*”, como poderíamos dizer de “*personagens em busca de autor*”. De fato, como o aponta pertinentemente Wiener, a articulação real-simbólico – já que somos obrigados, bem ou mal, a considerar esta prática como reveladora e participante de uma tentativa de amarração das três categorias do Real, do Imaginário e do Simbólico –, a articulação, assim, entre o real e o simbólico no quadro das marcações corporais parece ser das mais complexas. Assim, a inscrição sobre o corpo poderia constituir um modo inédito – não de incorporação, mas de criação ex-nihilo de um traço (em relação ao traço unário definido por Lacan), vindo a sustentar as identificações do sujeito. Além disso, o entalhe, tal como a marca corporal, se apresenta sobre um registro binário, já que, por um lado, ele se inscreve numa subtração – com a extração de uma libra de carne e com a dimensão cicatricial –, enquanto que, por outro lado, ele apenas promove a adição de um adorno oferecido ao olhar do Outro. Esta oscilação entre duas polaridades (o – e o +) se assemelha a um verdadeiro esforço contraditório

1 Nota da tradução: *à corps perdu*, literalmente *a corpo perdido*, é uma expressão corrente em francês que significa “com toda energia”. Mantivemos aqui o original para que a leitura conserve toda sua espessura de significações.

por parte dos sujeitos, seja para tentar saldar a dívida em relação ao Outro (tentativa de aceder à castração simbólica), seja para extrair (resposta à operação simbólica fracassada) o objeto diretamente sobre o real do corpo (tentativa de separação na psicose). O Sr. A., um de nossos entrevistados, revela sua posição neurótica obsessiva em torno da questão do estar “morto ou vivo?” por meio de uma série de enunciados como, por exemplo: *“uma tatuagem tem garantia seis meses após a morte. Então, tá vendo, é preciso pensar mesmo”*. Ou tal como a Srta. T., que se define como apaixonada pelos EUA e mais especificamente Nova York. Ela se fez tatuar a assinatura de Andy Warhol no dia do seu aniversário de 18 anos: *“eu me amarrei muitíssimo nele, mais ao ser humano do que ao artista, e eu sinto por ele um amor e uma admiração incondicionais, então, quando eu vi sua assinatura, essa que eu tatuei, já que existem várias de Andy Warhol, de sua própria mão e daqueles que trabalham para ele na Factory e também da mãe dele, imediatamente eu fiz um paralelo com a ideia da tatuagem, e ficou decidido! Minha tatuagem seria essa!”* Essa marca corporal inicialmente prevista sobre a barriga será realizada sobre a escápula, *“pois uma gravidez poderia estragar a tatuagem e eu não quis correr esse risco”*. A Srta. T. define esse ato como *“o meio de me engajar, um engajamento que eu desejava”*. A escolha da assinatura é de um importância totalmente diferente do que se ela tivesse tatuado *“eu amo Andy Warhol ou seu retrato. Eu queria realmente uma coisa mais pessoal, a assinatura pra mim... era realmente o que eu procurava”*. Como o enquadramento do sobrenome na parte inferior de um quadro, a tatuagem se torna aqui (por procuração) autógrafa. Nesses diferentes relatos, podem ser percebidos rastros de atividade fantasmática, e, às vezes, o questionamento desta última, ou mesmo de uma verdadeira oscilação do fantasma (com retorno da angústia ou do horror). Assim, o Sr. C. revelará, ao longo da entrevista, um *“encontro ruim”* inscrito no coração de sua biografia: uma experiência traumática de sexualidade imposta por um adulto. Tal como o Sr. B., que não para de recobrir, ao longo dos anos, a sua primeira tatuagem. A última representa um samurai: *“A primeira, passagem ruim da vida... melhor virar a página... como um livro, você se tatua...”*. Que se trate para cada indivíduo de uma tentativa de tradução de uma impossibilidade de ser verbalizada ou de uma narração digna do diário íntimo, as tatuagens e as escarificações não são sem efeito entre o antes e o depois da marcação.

Prática da marca e dimensão da letra

A marcação corporal aponta determinações inconscientes e um posicionamento subjetivo. De fato, se a escolha da pele aparece como sobredeterminada (localização, tipo de inscrição, etc.) e constitui uma tentativa de simbolização pela carne, como pensar esta função *hieroglífica* que subjaz todo rabisco, corte ou gravura sobre a pele? A correlação entre a marcação corporal e a função de inscrição e de traço não deixa de sugerir um laço com a dimensão da letra em referência à doutrina analítica. Retomando a aventura da escrita ao longo dos séculos e das civilizações, Pommier (2004) mostra o impacto da invenção do monoteísmo, a saber, o de dar início ao funcionamento, à encarnação do pai simbólico, na passagem de uma escrita figurativa ao emprego das letras alfabéticas. Assim, da passagem do totemismo nos “povos sem escrita” ao monoteísmo “no sentido edipiano do termo”, a escrita se apresentaria homogênea da mesma maneira que a letra no inconsciente. Ou melhor, ela seria “*o ato que consiste a representar esta instância*” (p. 201-202). Haveria, desta maneira – se sustentarmos o paralelo –, para cada marca corporal, uma dupla colocação em funcionamento: aquela revelada pelo *totem* (quer dizer, uma marca imposta pelo discurso e seus efeitos de controle dos corpos) e aquela revelada pela *letra*, no sentido em que, se a escrita se fabrica somente por meio da referência à linguagem, ela é igualmente algo que repercute sobre a palavra, que a condiciona, de alguma forma, cada vez que o sujeito a toma.

Em relação à função da letra, a marca corporal não é somente uma simples inscrição atrelada ao Outro do discurso com os efeitos de atribuição que ela origina. Pois, o que a psicanálise revela é de fato a instância da letra – e não do significante – como razão do inconsciente: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, por certo, mas é “uma linguagem no meio da qual apareceu sua escrita” (LACAN, 1970-71, p. 89). Como observa Pirard (2010): “*Nas palavras existe a letra, que resulta da conversão das tendências orgânicas em pulsões, isto é, que fixa o objeto identificado pelos traços de linguagem. O inconsciente freudiano é fundamentalmente uma escrita que tatua o corpo circunscrevendo diversos gozos*” (p. 209). Aqui podemos discriminar uma analogia: de um lado, as marcas das letras de gozo “*escritas com a tinta e o estilete das palavras, pois nas palavras o corpo precede a alma, e o sensível precede o inteligível*” (ibid.) e, de outro, na marca corporal, como que por um efeito de retorno, o poder eventualmente santificador, reconstrutor, iniciático de reencontro ou de abandono de uma primeira versão de si.

Para mostrar o impacto dessas inscrições primitivas de “*lalangue*” e as repercussões da escrita sobre a palavra, Lacan vai apoiar-se sobre elaborações anteriores no seminário sobre “*A carta roubada*” (1966)². O conto de Edgar Poe trata de uma intriga dentro da qual uma carta destinada à Rainha pelo seu amante vai passar de mão em mão com a particularidade de “*que ninguém conhece o seu conteúdo, e que, até o fim, ninguém conhecerá*” (1970-71, p. 130). Lacan afirma que se trata de “*tornar sensível como a transmissão de uma carta-letra tem uma relação com uma coisa que é essencial na organização de um discurso qual seja, a saber o gozo*”. Desta maneira, cada marca corporal, cada entalhe – pelo próprio fato de estar presente no discurso – remete, em uma mistura de sensações entre dor e prazer, à categoria do gozo.

Mais precisamente, a carta, na novela de Edgar Poe, essa missiva seria o signo da mulher “*pelo qual ela faz valer o seu ser, fundando-o fora da lei, que a contém sempre [...] em posição de significante*” (ibid., p. 132). Em outras palavras, a analogia entre a letra/carta e a mulher se estabelece sobre o paradoxo seguinte: de um lado, as mulheres são solicitadas (ou mesmo, forçadas) a inscrever-se sob o jugo da lei escrita, e, de outro, elas representam alguma coisa que fala do fora-da-lei, do “não-tudo” na castração. Ao longo da novela de Poe, surge que esta carta não deixa de ter um “efeito feminilizante” sobre os homens que a detêm. Inclusive, em um artigo sobre o tema, Laurent (1999) vê em todos esses homens envolvidos que “*o grande enigma é, ainda assim, a posição da Rainha*”. O que quer a mulher? Eis a questão que surge ao longo do conto. Por isso, o efeito de feminização, o efeito de significação, quando nada “*dá conta da posição de gozo, de seu enigma*”.

Como a letra/carta que falha no sentido, e em um mesmo movimento, vem localizar e apontar o lugar do gozo, a marca corporal teria ela também, como função, a de ser “*a própria coletânea do gozo*” (ibid., p. 7-8). A marca corporal mostra estar do lado de um esconderijo de gozo, e até, em certos casos, de uma tentativa de codificação deste. Submeter-se à marca, buscá-la, convocá-la: é, de alguma maneira, no plano do inconsciente, interrogar sobre o desejo do Outro e sobre o enigma do gozo. As práticas de marcação corporal, que tenham ou não uma finalidade “falicizante” ou virilizante, estão relacionadas com a castração. Na neurose, a marca, assim como a letra, só podem oferecer satisfação ao *sujeito*, enquanto respondem à sua divisão constitutiva, no nível

2 N.d.T: *Lettre* em francês emprega-se para falar de *letra* do alfabeto e como *carta*, uma missiva. Lacan vai jogar entre esses dois significados.

do fantasma. A prática da marca, assim como a da letra, entraria aqui como suplência à escrita impossível da relação sexual como no “*não-tudo sobre o qual repousa o gozo da mulher*” (1972-73, p. 47).

Marca corporal: quando a rasura se torna litoral

A marca corporal seria uma tentativa de simbolizar os efeitos do significante. É por isso que o valor da marca só pode ser – como não cessamos de apontar – *bifido*: de um lado, a marca portadora de uma significação manifesta, ao passo que, de outro lado, o sentido foi apagado, recalcado ou jamais adveio. A correlação entre o fenômeno da marcação corporal e a função de corte da borda nos permite dar mais um passo. Se partirmos (a título de exemplo) das escarificações, o entalhe com o sangue escorrendo e as cicatrizes que vêm decorar a pele não deixam de evocar a observação aérea feita por Lacan na sua volta do Japão, quando observava, em pleno voo, a linha de um córrego, “*único rastro a aparecer*”, na planície siberiana, “*verdadeiramente desprovida de qualquer vegetação, só de reflexos, reflexos deste córrego*” (2006, p. 120-121). Como a marca, a ranhura ou o entalhe que desponta na superfície da pele, esse córrego que vem formar um sulco, Lacan o compara a um “*buquê*” de “*traço primeiro*” e daquilo que ele apaga, a saber: o sujeito. De fato, o advento deste último se dá em dois tempos: entre o traço e a rasura “*rasura de traço algum que for de antes*”. O que se revela aqui em Lacan “*é que, ao produzir-se entre as nuvens*”, a rasura “*se conjuga à sua fonte*”. Ora, esta fonte, este local onde se dá a emergência do sujeito, é o significante. Portanto, é pela ruptura do semblante que se faz a rasura que provém de uma precipitação daquilo que era “*matéria em suspensão*” na nuvem de significantes: a letra (ibid., p. 121).

Para Pommier (2004), se a letra no inconsciente se distingue do significante, é pelo fato de que os significantes, saídos do lugar do Outro, representam o sujeito, ao passo que as letras que “*resultam do recalçamento*” constituem “*as formações do inconsciente*” (p. 316). No entanto, a letra não deixa de formar “*a instância a mais localizada*” (p. 322). O que permite a Lacan insistir sobre a *estrutura de borda* da letra. O que Pommier traduz nos seguintes termos: quando as letras “*se amarram entre si para constituir vocábulos, elas formam uma significação a serviço do recalçamento*”. Em contrapartida, quando elas “*são isoladas e desligadas*”, elas retomam seu valor “*de figuras que não significam mais nada além de seus próprios contornos, e nesse sentido, serão adequadas para o retorno do recalçado*”. Assim, a letra – como a marca – “*constitui ao mesmo tempo o que pode significar,*

quando ela está ligada” e o que *“apresenta o gozo, quando ela está isolada”* (p. 205-206). Essa particularidade pode indicar-se em uma topologia, a que constitui a faixa de Moebius onde figuram duas faces bem opostas, mas que se estendem em continuidade uma com a outra. Essa topologia da letra, invisível na palavra comum, aparece por exemplo, no lapso. Em outras palavras, tudo aquilo que diz respeito a formações do inconsciente se inscreve numa literalidade que vem perfurar a palavra. Pommier destaca que *“essa literalidade do saber inconsciente se realiza como uma escrita própria ao sujeito, na medida em que sua relação ao Outro”* sofre um corte, *“apresentando o enigma do gozo como uma charada”* (p. 316)

De acordo com Laurent, trata-se portanto de apreender a distribuição do sentido e do não sentido *“a partir da oposição entre o efeito de significação e o lugar do gozo”* (p. 7-8). O que equivale a distinguir as duas operações da metáfora subjetiva: a *alienação* *“pela qual o sujeito se inscreve no Outro, onde os efeitos de sentido se produzem pela identificação primeira”* (S1 flecha S2) e a *separação* (operação defeituosa na psicose), *“onde se inscreve o lugar do gozo, marcando o lugar do objeto perdido”* – o pequeno *a* – *“por meio dos efeitos de sentido”* (p. 9). Pela estrutura da borda entre S2 e *a*, a letra se articula então como um *litoral*, ou seja, como a fronteira entre os dois campos que não têm nada em comum: o saber inconsciente e o gozo, divisão que se produz no próprio lugar do sujeito. Para retomar os termos de Laurent: *“o litoral passa no interior da realidade psíquica, não é uma fronteira entre o interior e o exterior, ela está no sujeito”* (op. cit., p. 12). O que permite a Lacan fazer uma distinção radical: *“a escrita está no real e o significante, no simbólico”*. Assim a letra, enquanto acolhe o gozo que se revela quando do rompimento do semblante, *“se apresenta como sulco no real”* (1970-71, p. 122). Por isso a metáfora que ele estabelece: a escrita *“se articula como osso onde a linguagem seria a carne”* – com o que ela demonstra que *“o gozo sexual não tem osso”*: *ele não se escreve*. Dito de outra forma, é a escrita, e não a linguagem, que *“dá osso a todos os gozos”* (op. cit., p. 149) que se abrem ao ser falante pelo discurso – que são, por outro lado, somente gozos de paródia.

Podemos compreender, então, que a questão de toda experiência de marcação corporal no nível da realidade psíquica ultrapassa a única finalidade de restauração e/ou afirmação narcísica, para inscrever-se entre a produção de um objeto mais-de-gozar e a busca de um efeito de sentido. Pode ser uma tentativa, por certo, iniciante, mas que pode permitir integrar certos elementos psíquicos conflituosos, restabelecer, *via* o corporal, uma homeostase psíquica, servir também como espaço transicional e de refúgio

simbolígeno, abrir, enfim, a possibilidade para elaborações secundárias e convocar a posteriori uma palavra, e mais, um Dizer (TEDO, 2004). Sendo assim, a neoidentidade obtida pela marcação corporal pode servir como suporte para a identificação do sujeito. Como Marion, a melancólica, que se tatuou com “o número da besta” na época em que não tinha outro destino a não ser o de pular de uma ponte. Entre seus 18-19 anos, encontrava-se mergulhada em um ambiente de fim de mundo e às voltas com um corpo cuja purulência alucinada a levava a conceber que ela *“se decompunha como um zumbi”*, ela pensava restabelecer, por meio de sua perda, um mundo de beleza. O encontro com um jovem gótico fez com que o curso de sua existência mudasse radicalmente. Apaixonando-se pelas suas marcas corporais, ela decide prestar sua carne à infâmia que ressentia. A marca “666” que ela então se inflige é salutar, uma vez que lhe permite punir-se da abjeção que ela encarna, tomando posição e sendo, dentro da exceção, o “pior dos horrores”. Como o revela pertinentemente Le Breton, *“o corpo é uma matéria de identidade que permite encontrar seu lugar no tecido do mundo, mas às vezes, não sem turbulência e não sem tê-lo castigado. A pele é o desvio caótico que leva a uma inserção enfim propícia no laço social”* (2003, p. 104).

Conclusão

As marcas corporais são, deste modo, pontos de agarramento, permitindo ao sujeito responder aos limites corroídos, à perda do sentido, e bordear um gozo, que, nos nossos dias, comanda e dita as condutas. O recurso às marcas corporais pode ser considerado como um *“fato de estrutura”*, tendo, como função, a de servir como verdadeiros cliques que permitem manter a amarração (o nó) RSI. No plano topológico, esse passo permite voltar a dar consistência aos registros do simbólico, do imaginário e do real, em uma tentativa de re-diferenciação frente ao risco de suspender o nó (caso da neurose). Pode, igualmente, permitir uma ruptura de uma certa continuidade dos registros quando, por exemplo, o imaginário e o simbólico estão, por assim dizer, indiscerníveis (psicose). Enfim, pode ter uma função de tela e de recusa da castração, permitindo uma re-conexão com o cenário fantasmático no qual permanecem somente suas dimensões autoeróticas e de estímulo recíprocos com os parceiros (perversão). Sobre outro plano, a afirmação identitária pela passagem pelo sentido pode ter uma finalidade dupla, por um lado, orientar o gozo errático (especialmente

falicizando-o), por outro, reintroduzir um afastamento metafórico – relação metafórica que só é preservada pelo sujeito se a lei simbólica vier inserir as dimensões do real e do imaginário (exemplo do nó borromeu).

Na junção entre a dimensão significativa, a manifestação cicatricial sob o prisma do imaginário e a captura do gozo em sua dimensão erótica, a marca é também *encarnação real* na carne de um órgão bem irreal: a libido (LACAN, 1964, p. 187). Esta, de acordo com Freud, “*carrega certas zonas e partes do nosso aparelho psíquico como uma corrente elétrica carrega um acumulador; e como uma carga elétrica está sujeita a variações quantitativas; e quando permanece sem descarregar-se, apresenta uma tensão proporcional à carga e busca uma saída; além do mais, ela é continuamente alimentada e renovada por geradores físicos*” (1923, p. 232-233). O interesse desta metáfora elétrica surge pela ligação entre físico, somático e psíquico, mas também na definição de lugares que, para Freud, são de alguma maneira os “acumuladores”. Eu o cito novamente: *o narcisismo, a masculinidade e a feminilidade*. Nenhuma necessidade de ser sábio para constatar a que ponto toda marca corporal procura materializar uma e/ou outra dessas “moradias” da libido.

Vale lembrar aqui que esta convocação do olhar pela marca – seja ela direta ou velada – remete ao papel complementar da imagem na ligação entre representação-coisa (sistema inconsciente) e representação-palavra, podendo tornar-se conscientes. Como o aponta Freud: “*o pensar em imagens é apenas um tornar consciente muito imperfeito. Encontra-se também, de certa maneira, mais próximo dos processos inconscientes que o pensar em palavras e é indubitavelmente mais antigo que este, tanto ontológica como filogeneticamente*” (1923, *ibid.*). Nas entrevistas que recolhemos – mais além das racionalizações de superfície –, um saber irrevelado escapa ao sujeito: um cenário do qual ele foi excluído, anulado ou barrado (relação sexual precoce, incesto, morte de um recém-nascido, falecimento de uma figura parental, mas também fracasso da metáfora subjetiva).

É nesse filão que muitos dos nossos contemporâneos investem diferentes formas de marcação de um corpo, tornado mais ou menos o Outro parceiro e uma superfície privilegiada para suportar as insígnias do sujeito. Frequentemente, especialmente para os ou as que apontam uma estrutura psicótica, a marca é um recurso que permite inserir na carne um significado pessoal para, supostamente, erotizar o corpo, vitalizá-lo, e até tentar subjetivar neste a inquietante alteridade. Para outros, a marca é administrada para tratar de um gozo não civilizado e não cifrado pelo significante, gozo do corpo cuja invasão, de acordo com sua interpretação, os parasita, os persegue, os exalta, os esgota. Outros, tentam, finalmente, *fazer-se um corpo*, configurando-o de forma a que

possa representá-los a partir de seus entalhes ou queimaduras. Tentam, desta forma, escrever em sua própria carne a marca simbólica nãoinscritível para eles (S1). Única coerção deste movimento subjetivo: a identificação assim obtida pode engessar-se em um sentido que não passa de um signo. Este equivalente de metáfora só é restaurado ao preço de uma imobilização, de uma redução do ser do sujeito: “eu sou isso e nada mais”. Mas pode servir, por um tempo, como “centro de gravidade”, fornecer alimento ao fantasma masoquista e ao deslizamento perverso, dar corpo ao significante-mestre sob o qual o sujeito vai se colocar e promover um certo apaziguamento.

Referências

- BARBERIS, O., LIPPI, S. (2009). Effraction et nom à l'adolescence: le tatouage. *Cahiers de psychologie clinique*, 2009, 2, 33, p. 159-175.
- BAUDRILLARD, J. (1974). *La société de consommation. Ses mythes, ses structures*. Paris: Gallimard, 1974.
- BRUNA, D. (2001). *Piercing, sur les traces d'une infamie médiévale*. Textuel, 2001.
- CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (2006). *Histoire du corps*. Tome 3, Paris: Seuil, 2006.
- EHRENBERG, A. (1995). *L'individu incertain*. Paris: Hachette, 1995.
- _____ (1998). *La fatigue d'être soi*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- FREUD, S. (1923). Le moi et le ça. *Essai de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981.
- GASPARD, J.-L., DOUCET, C. (2009). *Pratiques et usages du corps dans notre modernité*. Toulouse: Eres, 2009.
- LACAN, J. (1964). *Séminaire Livre XI: Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- _____ (1966). Le séminaire sur “La lettre volée”. *Ecrits*, p. 11-61. Paris: Seuil, 1966.
- _____ (1970-71). *Séminaire Livre XVIII: D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Editions du Seuil, 2007.
- _____ (1972-73). *Séminaire Livre XX: Encore*. Editions du Seuil, 1975.
- LASCH, C. (1979). *La culture du narcissisme*. Climats, 1979.
- LAURENT, E. (1999). *La lettre volée et le vol sur la lettre*, in site Internet www.lacanchine.com, 1999.
- LAURU, D. (2004). Perçons corps. *Chap Psychosomatique*, n° 36, p. 119-129, 2004.
- LE BRETON, D. (2000). L'identité à fleur de peau. Tatouages, piercing, nouvelles formes de réappropriation du corps face au monde. *Quotidien Libération*, 2000, 30 mars.
- _____ (2002). *Signes d'identité. Tatouages, piercing et autres marques corporelles*. Paris: Métailié, 2002.
- _____ (2003). *La peau et la trace. Sur les blessures de soi*. Paris: Métailié, 2003.
- _____ (2005). *Anthropologie de la douleur*. Paris: Métailié, 2005.

- LE BRETON, D. (2009). *Expériences de la douleur. Entre destruction et renaissance*. Paris: Métailié, 2009.
- LIPOVETSKI, G. (1983). *L'ère du vide*. Paris: Gallimard, 1983.
- PIRARD, R. (2010). *Le sujet postmoderne entre symptôme et jouissance*. Toulouse: Eres, 2010.
- POMMIER, G. (2004). *Naissance et renaissance de l'écriture*. Presses Universitaires de France, 2004.
- PORTILLO, R. (2006). Le déclin de l'idéal, l'exigence de jouissance. *La lettre mensuelle*, 2006, n° 244, p. 17-21.
- SENNETT, R. (1973). *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Seuil, 1973.
- SILVA JUNIOR, Da N. (2003). A sombra da Sublimação. O imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na contemporaneidade. *Revista de Psicanálise Psyche*, São Paulo, 2003, vol. VII, n° 1, p. 29-39.
- _____(2006). A gramática pós-moderna da perversão e sua clínica psicanalítica. In: MILNITZKY, F. *Desafios da clínica psicanalítica na atualidade*. Goiânia: Dimensão Editora, 2006, p. 103-116.
- SILVA JUNIOR, Da N., LIRIO, D. R. (2005). The postmodern re-codification of perversion: on the production of consumer behavior and its libidinal grammar. *International Forum of Psychoanalysis*, 2005, vol. 14, p. 217-223.
- TEDO, P. (2004). Telluriques. *Adolescence*; 22, p. 295-310.
- TISSERON, S. (2001). *L'intimité surexposée*. Paris, Hachette Littératures, Editions Ramsay, 2001.
- WIENER, S. (2001). Le tatouage: de la griffe ordinaire à la marque subjective. *Essaim*, 2001, 8, p. 35-49.
- _____(2004). Le tatouage, de la parure à l'œuvre de soi. *Champ Psychosomatique*, 2004, n° 36, p. 159-170.

Recebido em 10/11/2011; Aprovado em 20/2/2012.